



Universidade, Processos Sociais de Formação dos Saberes: A Extensão Aliada à Produção e à Comunicação do Conhecimento

Marilúcia de Menezes Rodrigues
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

O texto problematiza a universidade em relação aos processos de construção dos saberes. A construção do conhecimento se dá através de uma ação ativa que possibilita a sua articulação com a prática social que lhe deu origem. Mostra que a universidade deve produzir e trabalhar o conhecimento ligado visão crítica da realidade.

Palavras-chave: Universidade, Conhecimento, Extensão

Abstract

The text questions the role the university in face of the processes of construction of knowledge, which happens through a positive action that allows its connection with its originating social practice. The text shows that the university must produce and deal with knowledge linked with a critical view of reality.

Keywords: University, Knowledge, Extension



A grande valorização do saber científico e tecnológico, num mundo aceleradamente conduzido pelos rumos da modernidade e da racionalidade, põe em evidência os processos de construção dos saberes e confere à universidade um local de destaque.

A universidade, tendo os meios de difusão, de manipulação e de utilização dos conhecimentos e ainda sustentada pela ideologia que a justifica, supervaloriza os conhecimentos e os saberes reconhecidos como "racionais," na perspectiva de base da vida social, e, com isto, tem relegado a outros planos os outros saberes como forma de apreensão da realidade. Esta é uma questão de fundo que deve ser considerada para que se possa entender o saber social enquanto saber que se constrói a partir das experiências cotidianas e historicamente situadas.

Os processos sociais de formação dos saberes têm se pautado nas perspectivas de cultura moderna e contemporânea. Contudo, tem se revelado de forma fragmentada e compartimentalizada. Isto induz ao privilégio do que científico, cabendo à universidade a transmissão desses saberes. Conseqüentemente, as ações são também segmentadas e tendem a perceber o conhecimento, ou seja, aquele que é capaz de se realizar na multiplicidade dos interesses sociais institucionalizados. Por isso, a universidade tem se revelado numa perspectiva limitada que se impõe como transmissora desse saberes. Na prática, contraditoriamente, o processo social da produção do saber se mostra desvinculado da sua transmissão. Com isto configuram-se dois pólos. De um lado a formação dos saberes, e de outro, a própria produção. Este é o lado contraditório. Os dois pólos deveriam ser complementares e inseparáveis, se a produção do saber estivesse fundamentada numa pluralidade de saberes, cultural e historicamente construídos.

A relação do saber com a ação se adequa ao conceito de "práxis" onde se realiza a integração da teoria/prática, por incorporar o caráter histórico, interessado e construído pelas classes sociais. Assim, o saber é, segundo Vasquez, (1977) o conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes produzidas pelas classes para dar conta de seus interesses.

O saber na perspectiva de Vasquez (1977) é o resultado de uma "práxis social" observada nas dimensões produtiva, política e educativa. Também esta é a concepção de Gramsci (1987) do homem como sujeito de relações consigo mesmo e com os outros, através de uma interação com a



natureza, via interação criativa e construtiva, de onde surge uma consciência individual, social, crítica e transformadora. Isto significa a gestação de um saber fundamental e social dentro da realidade.

Práxis pressupõe uma ação conjunta de todos os homens, onde o intelectual ajuda na reflexão para a descoberta do real concreto, buscando a formação de uma consciência crítica. A práxis se realiza via prática social e, somente assim, poderá transformar a organização social e realizar mudanças. Ainda, pressupõe uma participação consciente e crítica e um esforço comum da superação do aparente ao concreto, do subjetivo ao objetivo.

Nesta visão de práticas sociais, as relações sociais e de produção não apenas produzem a esfera da vida material, mas também as idéias e as representações. Idéias e representações numa perspectiva dialética onde se inter-relacionam as atividades objetivas e subjetivas. Esta é a concepção que reconhece o trabalho como relação fundamental e definidora da existência, sem, contudo, reduzir à esfera da produção material. Isto pressupõe compreender a articulação dialética com as dimensões políticas em que se destacam, nos tempos modernos, os movimentos sociais, enquanto movimentos de conhecimentos, porta-vozes de uma re-problematização de um campo social, e que impõem construir uma nova representação, fundando a legitimidade de uma nova visão das produções científicas, as quais, interferem na transformação da realidade.

121

A universidade, no atual momento, parece que não estar absorvendo e nem considerando outros discursos que estão ocorrendo na pós-modernidade. Também, não parece estar levando em conta os conhecimentos que estão sendo produzidos pela sociedade civil, talvez, por se portar alheia ao próprio mundo do trabalho. Entretanto, a universidade também faz parte desse processo de novas configurações econômicas, políticas-sociais e culturais e as suas atividades inserem-se nesse processo de produção de novos conhecimentos.

No entanto, compreender o saber como produção social, significa reconhecer que todos têm competência e, também, considerar que todas as experiências enriquecem e se somam. Não significa, ao contrário, uma equalização de competências. O ato do saber não é simplesmente uma mera receptividade por parte do sujeito. Deve constituir-se em uma direção de mão-dupla, ou seja, é um movimento que nasce do sujeito para o objeto, e do objeto para o sujeito, resultando uma produção comum.



O saber nasce, portanto, do fazer humano, social e histórico, é, pois, um processo contínuo e interminável. O homem é fruto do processo histórico. Constrói-se historicamente. Compreende-se assim que:

[...] o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos.
[...] Deve conceber-se o homem como uma série de relações activas [um processo]. [...] o indivíduo é não somente a síntese das relações existentes, mas também da história dessas relações, isto é, o resumo de todo o passado (GRAMSCI, 1978b, p. 49 e 57).

A compreensão do homem como uma série de relações ativas, como um processo, como o conjunto de relações construídas no bairro, na aldeia, na cidade e, em suma, de todas as sociedades das quais o indivíduo pode participar, nos permite precisar que não se trata da realidade de cada indivíduo singular, mas do conjunto de relações sociais dentro das quais cada indivíduo produz sua realidade

Sentimos que a universidade tem se tornado um lugar da ciência e não de cultura. Caracteriza-se como tecnocrática com bases científicas. Existe uma predominância de uma sistematização rigorosa do saber produzido em detrimento de um discurso pedagógico que tem como referência as práticas sociais enquanto expressões históricas e concretas. Quando isto ocorre a universidade não consegue fazer esta articulação com as práticas sociais, e, dessa forma, o discurso irá evidenciar as contradições, entre elas, a inevitabilidade de um local autoritário, tendo como conseqüência o alijamento do povo ao processo político e cultural.

Gramsci desenvolve uma teoria a respeito da cultura que vem reforçar e desnudar a análise das contradições e das distorções que interferem na concepção da escola, e portanto, da universidade no contexto do "bloco histórico" - a instância econômica, política e social. Cultura não significa um saber erudito, enciclopédico.

A organização da universidade foi feita segundo os interesses dominantes. Interesses que não são apenas econômicos, mas se conformam com a tradição cultural. E a universidade, na medida em que é reprodutora das relações simbólicas, transmite essas relações sob a forma de herança cultural. Herança cultural significando a reprodução das relações de dominação.

Entender a cultura como acúmulo de saberes, de informações que passarão a ser usadas face às necessidades do mundo é um entendimento



puramente burguês. Pelo contrário, Gramsci (1978a) sinaliza que a cultura é organização, disciplina do próprio sujeito, do eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior, através da qual se compreende o próprio valor histórico. O homem é criação histórica, e não natureza. A cultura é criação humana. Em Gramsci (1978a) a cultura é o ato histórico e não paternalista. Para ele todo ato somente se realiza na coletividade. Distingue a cultura burguesa como aquela que,

[...] corresponde ao saber enciclopédico, no qual o homem é visto sob a forma de um recipiente que se deve encher até as bordas com dados empíricos, fatos bruscos e isolados, que ele deve alinhar em seu cérebro em colunas de um dicionário, para poder responder a cada momento às solicitações do mundo exterior (MACCIOCCHI, 1977, p. 203).

Ainda para o autor, a cultura para o proletariado é:

[...] uma maneira de organizar, de dominar seu próprio eu interior, uma maneira de assumir sua personalidade própria, de acender a uma consciência superior pela qual chega a compreender o seu próprio papel na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres (MACCIOCCHI, 1977, p. 204).

123

Por cultura deve-se entender o mundo que o homem constrói para si, ou seja, ao construir o mundo também se constrói. Cultura é representação humana e produção humana. A cultura é a transformação social como ato coletivo. Ato que se origina a partir de uma reflexão inteligente de alguns grupos sociais e que se prolonga a toda uma classe.

Toda cultura dominante está comprometida pelo contexto, e está comprometida pelo contexto em que vive e pelo qual se nutre e ao qual se serve. Cultura não se interioriza e nem se populariza. Ela é a própria expressão de um povo.

É a universalidade na sua relação com a sociedade, na qual ela se produz, leva-nos a perceber que o seu desenvolvimento não é arbitrário. Por isto, os processos/mecanismos não podem ser inventados e impostos. Não dependem de idéias/planos. Depende de uma construção orgânica *pari passu* em conjunto com a sociedade no bojo das práticas sociais. Em Gramsci está claro que,



Criar uma nova cultura, não significa apenas fazer descobertas 'originais', significa, também e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, 'socializá-las' por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato 'filosófico' bem mais importante e original' do que a descoberta por parte de um 'gênio filosófico' de uma verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos de intelectuais (GRAMSCI, 1978a, p. 13).

A análise da universidade tem neste trabalho uma percepção da sua presença na totalidade histórica. Ela representa esta totalidade. Ao mesmo tempo ela participa na sua produção, via movimento das relações de classe.

Institucionalmente, a universidade tem por função envolver-se com o ensino e a pesquisa. Representa o local da criação e da transmissão do conhecimento. No momento em que construímos a história da universidade não podemos nos esquecer que estamos fazendo a história dos homens, a sua forma de organização social, do modo como estas relações se estruturaram em um determinado momento da história.

124 Independentemente de se considerar que a universidade possa se apresentar de forma sólida, autônoma, ela é sempre o espelho das relações dos homens. A história da universidade é, portanto, a história dos homens.. Os homens é que tem história.

A universidade faz parte das construções dos homens. Abstratamente falando, a universidade, é uma das instituições criada pelos homens para prover o conhecimento. Neste aspecto implica ver a pesquisa, enquanto instância de criação e de recriação do saber, e o ensino, como instância de comunicação participativa.

Tomada concretamente, historicamente, a universidade prova conhecimentos concretos e tem origem nos anseios mais profundos do homem e que dizem respeito às suas necessidades. A concretude do conhecimento vem do resultado de fatos, atos de uma organização social, e, portanto, coletiva. Desta forma não podemos autonomizar as instituições, e, nem tampouco fazer dos homens o seu objeto.

No momento em que fazemos a história da extensão, estamos acreditando que, natural ou artificialmente, a extensão se impôs como uma função da universidade, aliada à produção e à comunicação do conhecimento.



A extensão entendida como uma ação que estende para fora dos muros da universidade já enseja a idéia, é ela própria a comunicação. Se, a universidade tem como função a produção e a comunicação do conhecimento, não há como considerar a extensão na forma de transmissora. Quando vista como alternativa àqueles que não se encontram profissionalmente junto à universidade, ao povo em geral, configura-se que:

[...] ou a universidade se isolou da sociedade e rumina, ela mesma, o que produziu, não se entendendo como instituição social dos homens da sociedade- e, portanto, em comunicação constante com eles, fazendo-se necessário uma instância ponte; ou a extensão sinaliza um debruçar da universidade sobre si mesma, exigido pelas mudanças da sociedade, em busca de sua identidade seja em relação ao objeto de sua função (produção/comunicação do conhecimento), seja em relação ao destinatário de sua atividade, seja em relação a ambos (PAIVA, 1994, p.1).

Trata-se, portanto, de conhecer a universidade real (capitalista) em seus diversos momentos. Num certo instante da sua história, aparece como preocupação a necessidade de transposição de seus muros para o encontro com a sociedade. Neste momento agilizou-se a extensão. A extensão ocupou um papel preponderante enquanto discurso político. Foi necessária para a construção de uma identidade da universidade no enfrentamento das questões sociais. O questionamento da própria identidade da universidade foi exigido uma vez que a sociedade já não era a mesma. Em processo de acomodação, as novas relações sociais passam a exigir uma nova postura. A universidade antiga já não mais servia. Era preciso um movimento de adaptação a novas condições. Neste contexto, como possibilidade de adaptação a extensão passa a ser considerada como ponte de ligação com a sociedade. Caberia à extensão, a tarefa de levar o conhecimento. A universidade voltada para si mesma não estava se estendendo sociedade. Não estava recebendo as respostas. A extensão aparece como uma manifestação de percepção. Percepção de como a universidade se enxergava, de não estar mais atendendo a sociedade na sua concreta organização. É a extensão aparece como forma de atualização à nova ordem política/econômica/social e aos avanços científicos/cultural/moral do novo momento histórico.



Referências

- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1978a.
- _____. **Introdução à filosofia da práxis**. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa: Antídoto, 1978b.
- _____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3.ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.
- GRZYBOWSKI, C. **Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural**. Rio de Janeiro, Lease-FGV, 1983.
- MACCIOCHI, Maria Antonieta. **A favor de Gramsci**. Tradução Angelina Peralva. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PAIVA, José Maria de. **Anotações de orientação de doutorado**. 1994 (texto digitado).
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.
- VASQUEZ, Adolfo Sánches. **Filosofia da práxis**. Tradução Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

Marilúcia de Menezes Rodrigues
Prof^ª da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Uberlândia da
Linha de Pesquisa Políticas e Gestão da Educação
End: Av. Liberdade, 1136, Bairro Altamira
38411-002 Uberlândia/Minas Gerais
E-mail: mmrodrigues@netsite.com.br

Recebido 23 jun. 2004
Aceito 2 jul.2004